



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO CURSO DE PEDAGOGIA -  
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**LUZIA MENDES DA COSTA**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS CLASSES MULTISSERIADAS: OS DESAFIOS À  
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**JOÃO PESSOA-PB  
2019**

**LUZIA MENDES DA COSTA**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS CLASSES MULTISSERIADAS: OS DESAFIOS À  
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Trabalho de conclusão do curso elaborado pela acadêmica Luzia Mendes da Costa como exigência do curso de Pedagogia na Área de Aprofundamento em Educação do Campo a Universidade Federal da Paraíba sob orientação da professora Dr<sup>a</sup> Maria do Socorro Xavier Batista.

**JOÃO PESSOA- PB**

**2019**



**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

C838p Costa, Luzia Mendes da.

Práticas pedagógicas nas classes multisseriadas: os  
desafios à educação do campo / Luzia Mendes da Costa. -  
João Pessoa, 2019.  
58 f.

Orientação: Maria do Socorro Xavier Batista.  
Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. Educação do Campo. Classe multisseriada. I. Batista,  
Maria do Socorro Xavier. II. Título.

UFPB/BC

LUZIA MENDES DA COSTA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS CLASSES MULTISSERIADAS: OS DESAFIOS À  
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Monografia apresentada a banca examinadora da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção de licenciatura em pedagogia – Educação do Campo. **Aprovado em** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

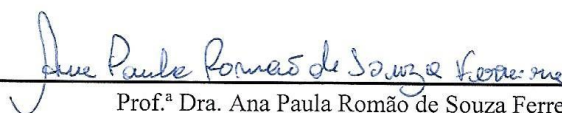
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Maria do Socorro Xavier Batista



Prof.: Dr. Luciéllo Marinho da Costa



Prof.ª Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira

## **DEDICÁTORIA**

Dedico este trabalho ao povo do campo

Quero perceber tudo com calma mesmo em meio a correria, sentir que a vida é quente mesmo quando se diz fria, fazer da vida um canto mesmo sem melodia, amar as pessoas sendo elas João e Maria

(Mena Moreira)

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, nesse momento pela felicidade de conquistar mais uma etapa em nossa vida.

A minha Mãe, Zilda Malheiros de Brito, mulher formidável poderosa firme e forte em sua caminhada agradeço desde já pelo incentivo, pelos os momentos que tive em está ao seu lado, momentos de conversas, sobretudo deste trabalho tão importante em nossas vidas.

Ao meu Pai, Pedro Mendes de Brito (in memória), que se estivesse aqui entre nós iria muito se orgulhar por esse momento tão especial.

A minha família, em especial aos meus filhos, Maria Luíza Mendes, Aluísio Neto, Maria Laura Mendes, que me incentivaram dando forças para que chegasse onde estou ao marido Aluísio Filho que esteve nesse momento em minha vida.

As minhas irmãs, Jeane Mendes, Maria da Conceição Mendes, Célia Mendes, Leonôra Mendes e irmão João Batista Mendes de Brito, que estiveram sempre nesse momento sucinto de nossas vidas.

A meu tio José Mendes de Brito, que esteve sempre perto nesta caminhada,

As pessoas que fizeram e fazem parte de nossas vidas e me incentivaram nesse momento a Itamiran amiga em qualquer tempo, Prof<sup>o</sup>. Dr. Wagner Vasconcelos passando sempre seus conhecimentos, Prof<sup>a</sup>. Ms. Tamiris sempre perto, a D. Maria Barbosa (In memória), uma pessoa extraordinária que sempre vou guarda em minha memória, a Dalva, Aparecida, ao genro João Luíz Barbosa, que tenho um admirável apreço, ao genro Roberto Cavalcante por sua estimável companhia e na cooperação deste trabalho. Obrigada.

As minhas colegas de classe, Marina Casseiro, Maria Santana, Aline Santos, Mônica Santos, Jéssica Albuquerque, Adrielly Andrade, Stela Maris, Leonilson Sousa, kleiton Matias, Rachel Santos, Matheus, Paulo Roberto, Roseane, Camila Fernandes, Daniele Suassuna, dentre outros... A caminhada pelo estímulo, carinho, nossos momentos de alegria e amizade. Obrigada.

Nesse sentido, gostaríamos de agradecer em especial: aos professores de Pedagogia do Campo pela construção deste conhecimento, pelo incentivo de continuar essa caminhada. Em especial a professora Dr<sup>a</sup>. Maria do Socorro Xavier Batista, pela dedicação e lutar pela implementação do curso de Pedagogia do Campo, que se não fosse essa luta não estaríamos aqui na conclusão deste. Pela paciência neste trabalho, obrigada professora; pelo professor Dr. Luciélio Marinho, em ter momento de seu tempo em ajudar-me nessas horas tão importante em minha vida, obrigada professor; a professora Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Romão, pela dedicação, incentivo,



grande pessoa companheira e amiga, obrigada professora. Dentre outros professores (as), que passaram e sempre presentes em nossas vidas, nos momentos de ansiedade e alegria, sempre vão está em nossos corações, obrigada a todos (as).

Uma grande honra fazer parte desta instituição de ensino (UFPB), na qual me sinto satisfeita, enfim todos (as) que fazem parte desta coordenação pedagógica do curso de Pedagogia do Campo.

A professora Maria José, da Escola Fazenda Socorro no município de Santa Rita, PB, pela dedicação, companheirismo, nessa caminhada do estágio, que se não fosse sua ajuda ficaria difícil a compreensão dos estudos, a professora Ivanice da classe EJA, pela atenção e carona na volta pra casa, a professora Lucineide da E.E.E.F.Gov. Odilon Ribeiro Coutinho, a qual teve uma contribuição para que este fosse consolidado, enfim obrigada e gratidão por tudo.

As professoras (es) do IEP (Instituto de Educação da Paraíba), Gláucia, Ismália, Magda, Gildaci, Rosalva, Adriania, José Júnior, dentre outros,.... Agradecemos toda equipe pedagógica da escola, pelos conhecimentos nos estágios e experiência de vivência nesta instituição de ensino.

As professoras da EMEF. Anita Trigueiro do Valle, Iolanda Omena, Odete Teixeira, Tatiana, Patrícia, Rosineide Feitosa... Dentre outros, onde tive o prazer em fazer parte dessa equipe pedagógica, pela acolhida na nossa caminhada dos estágios obrigatórios pelos incentivos na carreira profissional, pelas amizades que irei guardar com gratidão.

Muitas pessoas passaram por nosso caminho e tiveram papel fundamental para que esse momento pudesse acontecer.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso intitulado Práticas pedagógicas nas classes multisseriadas: os desafios à educação do campo têm como objetivo compreender as práticas pedagógicas que se desenvolvem na escola do Campo e como **objetivos específicos** buscamos evidenciar as práticas pedagógicas desenvolvidas por uma professora em classe multisseriada em uma escola do campo; e caracterizar as dificuldades e desafios encontrados pela professora no cotidiano escolar. Apresentar os princípios da Educação do Campo presentes nas práticas pedagógicas da classe multisseriada da escola no meio rural do município de Santa Rita, PB. Procura discutir o contexto em que se encontram as classes multisseriadas nas escolas do campo. Assim como, na pesquisa documental, analisamos documentos da política de educação do campo tais como: o Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010: dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – Pronera; a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) – Lei de nº 9.394 de 1996, foram analisados documentos da fundação da escola, Certidão de Averbação Construção do Grupo Escolar- “Fazenda Socorro”, refletir sobre as políticas públicas voltadas para a educação do campo, as dificuldades enfrentadas pelos professores em classes multisseriadas na sua formação, prática pedagógica, em especial, na metodologia utilizada em sala de aula. Como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento na obtenção deste trabalho utilizamos as reflexões de Caldart (2002), Hage (2010), Batista (2013), Molina (2009), Ribeiro (2009), entre outros. A pesquisa de campo foi composta por um questionário que foi preenchido por uma professora da escola estudada. Como síntese destaca-se uma incursão na escola do campo e na sala de aula multisseriada constatando que ela ainda se encontra distante do que seria real para os sujeitos do campo, para suas especificidades, onde as classes multisseriadas não atendem o básico para uma boa formação e inclusão dos indivíduos.

**Palavras-chaves:** Educação do Campo. Escola Rural. Classes multisseriada

## **ABSTRACT**

This course conclusion entitled Pedagogical practices in the multi-serialized classes: the challenges to field education aims to understand the pedagogical practices that are developed in the field school and as specific objectives we seek to evidence the pedagogical practices developed by a teacher in a multi-serialized classroom in a field school; and characterize the difficulties and challenges encountered by the teacher in the daily school life. It also aims to present the principles of field education present in the pedagogical practices of the multiserialized class in the rural school in the rural areas in the municipality of Santa Rita, PB. It seeks to discuss the context in which the multi-serialized classes are found in the rural schools. As well as in the documentary research, we analyzed policy documents of education in the countryside, such as: Decree 7.352, of November 4, 2010: provides on the education policy of the field education and the National Program for Education in Agrarian Reform - Pronera; the Law of Directives and Basis of National Education (LDB) - Law No. 9,394 of 1996, documents were analyzed from the school's foundation, Certificate of Averbation Construction of the School Group - "Fazenda Socorro", and also aiming to reflect on the public policies focused on the field education, the difficulties faced by teachers in multiserialized classes in their formation, in pedagogical practice, and especially in the methodology used in the classroom. As a pedagogical tool for the development of this work were used reflections of Caldart (2002), Hage (2010), Batista (2013), Molina (2009) and Ribeiro (2009), among others. The field research was composed of a questionnaire that was completed by a teacher of the mentioned and studied school. As a synthesis it is possible to emphasize an incursion in the field school and in the multi-serialized classroom, however, that it is still distant from what would be real for the country people, for their specificities, where the multi-serialized classes do not attend the basics for a good formation and inclusion of individuals.

Key words: Field education; Rural school; Multi-serialized classes.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Fundação e Ampliação/Restauração respectivamente.....	35
Fotografia 2- Parte externa da Escola Fazenda Socorro.....	36
Fotografia 3 – Parte externa da escola Fazenda Socorro.....	37
Fotografia 4 - Crianças fazendo suas refeições na sala de aula .....	39
Fotografia 5 - Classe Multisseriada no primeiro momento da aula (Pré-escolar ao ensino Fundamental.....	43
Fotografia 6– Sala Multisseriada do Pré-escolar II (observar atividade do aluno) .....	45
Fotografia 7 – Atividade da sala Multisseriada do Ensino Fundamental.....	45
Fotografia 8- Sala Multisseriada (atividade de arte) .....	46
Fotografia 9- Trabalho docente do Ensino Fundamental (observar atividade no quadro negro) .49	
Fotografia 10 - Atividade da Sala Multisseriada do Ensino Fundamental.....	50

## **LISTA DE TABELAS E QUADRO**

Quadro 1 - Escolas – Infraestrutura – 2017 - Brasil – Nordeste – Paraíba.....	12
Quadro 2 - Professores – Total/Rural – 2017 Brasil – Nordeste – Paraíba .....	12
Quadro 3- Classes multisseriadas na Paraíba.....	13
Quadro 4 – Distribuição dos funcionários .....	39
Quadro 5 – Distribuição de modalidades e quantitativos de alunos.....	40
Quadro 6 – Distribuição dos alunos e suas respectivas turmas.....	39

## **SUMÁRIO**

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REFLETINDO SOBRE EDUCAÇÃO NO CAMPO, ESCOLA RURAL E CLASSES MULTISSERIADAS .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>Educação do Campo: concepção e princípios.....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS DOCENTES EM CLASSES MULTISSERIADAS .....</b>	<b>30</b>
<b>4</b>	<b>PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL FAZENDA SOCORRO.....</b>	<b>32</b>
<b>4.1</b>	<b>Caracterização da Escola.....</b>	<b>34</b>
<b>4.2</b>	<b>As práticas pedagógicas da professora na classe multisseriada.....</b>	<b>40</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No transcorrer da história brasileira, a educação foi utilizada como instrumento para os interesses de uma pequena parcela da sociedade. Desde a colonização até na atualidade, a educação oferecida para as classes populares e principalmente para os sujeitos do campo sempre foi carregada de interesses das elites dominantes. Durante todo o período colonial e início da república o direito à educação dos camponeses foi negado, pois somente no início do século XX, é que surgem as primeiras iniciativas educacionais na zona rural, Calazans (1993).

Como nos afirma o Art. 205 da Constituição Federal, “a Educação é um direito de todos e dever do estado e da família e será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Apesar da educação brasileira no seu decorrer histórico ter tido um amplo avanço no que se refere às políticas educacionais. No entanto, tais políticas vêm apresentando incoerências quando se trata de sua garantia e a efetivação dos direitos das populações do campo, sobre as quais ainda hoje incide uma média significativa de analfabetismo. Assim, se por um lado, há garantia desses direitos em termos legais, por outro se convive cada vez mais a “normalização” com a negação dos mesmos, no que diz respeito à educação do campo, que requer políticas que respeitem suas especificidades.

Reconhecer que a educação brasileira mostra incoerências, por mais que quando se trata de sua legislação e de sua efetivação. Na realidade no contexto urbano e rural desvaloriza ainda que se discuta da educação do meio rural, pois apresenta um panorama de falta de escolas e de escolas precárias que não garantem minimamente uma educação de qualidade, pois a educação no meio rural foi relegado, colocada no segundo plano nos processos de elaboração e implementação das políticas educacionais na realidade brasileira. A dominação da cultura urbana fortaleceu a percepção social sobre as pessoas do meio rural por meio de estereótipos negativos tais quanto “caipira”, “atrasado”, “matuto”, entre outros.

A escola é uma das ferramentas de experiência para o campesinato, visto que ela como criação social, reflete entre os outros, os valores, os anseios, as expectativas da sociedade que detém o poder, uma vez que ela não é um aparelho neutro, despida de intencionalidade, muito pelo contrário é um instrumento político. É no ambiente escolar que formam os sujeitos para a sociedade, nessa circunstância a educação pode tornar-se importante meio social.

Mas nas escolas rurais predomina a precariedade, a falta de infraestrutura física, pois na maioria têm apenas duas salas de aula, algumas não tem prédio próprio, não dispõe de energia elétrica e água, como se pode ver no quadro 1.

Quadro 1 - Escolas – Infraestrutura – 2017 - Brasil – Nordeste – Paraíba

UF	Escolas: Água Inexistente	Escolas: Energia	Escolas: Local de Funcionamento
	Rural	Rural	Casa Prof. Rural
<b>Brasil</b>	<b>5.597</b>	<b>4.938</b>	<b>649</b>
<b>Nordeste</b>	<b>3.712</b>	<b>1.022</b>	<b>318</b>
<b>Paraíba</b>	<b>349</b>	<b>15</b>	<b>14</b>

FONTE: GEPERUAZ – ICED/UFPA - INEP/ Censo Escolar.2017

A situação da formação dos professores que atuam nas escolas situadas no meio rural também apresenta problemas, uma vez que ainda se encontram muitos que não têm a formação inicial exigida, e nem existe uma política de formação continuada que contemple os princípios da Educação do Campo e nem para se trabalhar com as classes multisseriadas.

Quadro 2 - Professores – Total/Rural – 2017 Brasil – Nordeste - Paraíba

UF	Professores Sem Graduação		Professores Temporários	
	Total	Rural	Total	Rural
<b>Brasil</b>	<b>774.116</b>	<b>190.864</b>	<b>509.912</b>	<b>143.347</b>
<b>Nordeste</b>	<b>316.050</b>	<b>115.045</b>	<b>169.000</b>	<b>71.626</b>
<b>Paraíba</b>	<b>19.692</b>	<b>4.855</b>	<b>11.829</b>	<b>3.040</b>

GEPERUAZ – ICED/UFPA - INEP/ Censo Escolar.2017

No quadro 2 também podemos observar a situação docente quanto ao contrato de trabalho que apresenta um quantitativo significativo de professores não concursados com contratos de trabalho temporários, o que resulta em uma situação instável e de rotatividade com mudanças constantes de professores nas escolas.



Além disso, a maioria das escolas só oferecem os anos iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e tem sua organização em classes multisseriadas, como podemos ver no quadro 3.

Quadro 3 Classes multisseriadas na Paraíba

	Município	Nº de Matrículas	Nº de Turmas	Nº de Escolas
Total:	212	46.120	3.079	2.244

Fonte: Censo Inep, 2011

Nas classes multisseriadas muitas vezes o professor trabalha em turmas com duas, três e até mais séries, em uma mesma sala, tendo que ministrar aulas separadamente por série, com planos de aulas para cada uma, seja por exigência das secretarias de educação, seja porque não foram formadas para trabalhar com essa forma de organização escolar.

Esse panorama das escolas rurais também está presente na Paraíba e tive a oportunidade de conhecer uma escola rural com classe multisseriada no estágio supervisionado, no Curso de Pedagogia – Educação do Campo, o que me motivou a eleger como objeto de estudo as Práticas Pedagógicas em Classes Multisseriadas e os Desafios à Educação do Campo.

O interesse por esse tema surgiu da experiência vivenciada durante uma pesquisa desenvolvida na disciplina Estágio Supervisionado II, em uma escola pública municipal em Santa Rita, na zona rural, em uma sala multisseriada composta por crianças desde o pré escolar até o 4º ano do ensino fundamental. A escola também inclui o ensino da EJA (Educação de Jovens e Adultos). A partir dessa experiência me despertou a curiosidade em aprofundar meus estudos sobre a educação rural e compreender um pouco mais como acontece às práticas numa classe de turma de multisseriada.

A curiosidade sobre essa temática das práticas pedagógicas em classes multisseriadas e os desafios para educação do campo também teve influência quando no sexto período do curso de Pedagogia – área de aprofundamento em Educação do Campo cursei a disciplina Escola rural e Classes Multisseriadas, ministrada pela professora Dra. Maria do Socorro Xavier Batista, na qual o assunto da multisseriação em escolas no campo foi bem enfatizado, então me veio a inquietação de buscar desenvolver esse estudo no trabalho de conclusão do curso.

O estudo realizado no Estágio Supervisionado consistiu em uma visita na Escola Municipal do Ensino Fundamental denominada “Fazenda Socorro”, localizada na Usina São João, Município de Santa Rita/PB, onde realizei uma entrevista com uma professora da sala multisseriada, a qual também assumia a função a direção da escola.

A formação da professora é em Pedagogia, mas no curso que ela frequentou não foi abordado nenhum tema sobre Educação do Campo ou sobre as classes multisseriadas, conforme seu depoimento.

Na entrevista verificamos as práticas educativas da professora e questões referentes às condições de funcionamento da escola que representam desafios enfrentados no cotidiano escolar, além das questões práticas pedagógicas vivenciadas na escola no campo, enfrentados pela docente.

Devo salientar que o trabalho de pesquisa e o levantamento de dados da realidade foi facilitado por conta de já ter tido aproximação anterior com a professora entrevistada na ocasião do estágio. Portanto, na entrevista da pesquisa para este trabalho, em busca para aprofundar a compreensão, sobre as práticas pedagógicas da professora na sala multisseriada, os desafios, limitações, dificuldades e obstáculos por ela enfrentados foram sendo revelados de forma tranquila. Com muita simplicidade e atenção, foi relatando como lidava com as dificuldades encontradas em sala de aula.

A presente investigação visou responder algumas perguntas: como o professor trabalha metodologicamente na classe multisseriada em escola do campo? Como se desenvolve as práticas pedagógicas da professora entrevistada? Quais os desafios encontrados pela professora no seu cotidiano escolar?

Para tentar responder aos questionamentos esta pesquisa definiu como objetivo geral compreender as práticas pedagógicas que se desenvolvem na escola do Campo e como objetivos específicos buscamos evidenciar as práticas pedagógicas desenvolvidas por uma professora em classe multisseriada em uma escola do campo; e caracterizar as dificuldades e desafios encontrados pela professora no cotidiano escolar.

Esse estudo se pautou na pesquisa qualitativa, considerando que ela se preocupa com a interpretação e compreensão do fenômeno estudado, Gonsalves (2003). Como procedimento para coleta de dados utilizou um questionário com uma professora onde foi abordado o assunto da classe multisseriada, como é organizada sua sala de aula.

No tocante à estrutura da escola observada a organização e o funcionamento da classe multisseriada é composta por uma professora em uma turma constituída por sete alunos, três meninas e quatro meninos, quanto à organização do espaço da sala de aula é dividida da seguinte forma: um grupo com dois alunos (pré-escolar), outro com três alunos do 1º ano, um aluno do 2º ano, um aluno do 4º ano do fundamental. Sendo distribuídos dois da alfabetização e cinco do Ensino Fundamental.

A observação da aula teve como objetivo de verificar como a professora trabalha na classe multisseriada lidando com a turma diversificada e aprendizagem diferenciada de cada aluno (a). A observação das práticas pedagógicas da docente foi realizada em encontros semanais, no período de dois meses de 09/08 a 25/10/2018, de acordo com horário da docente.

Na pesquisa documental, analisamos documentos da política de educação do campo tais como: o Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010: dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – Pronera; a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) – Lei de nº 9.394 de 1996, foram analisados documentos da fundação da escola, Certidão de Averbação Construção do Grupo Escolar- “Fazenda Socorro”.

Para a reflexão teórica realizamos uma pesquisa bibliográfica, com leituras de autores que investigam o assunto os quais serviram como referencial teórico: Hage (2010; 2012); Batista (2013); Caldart (2009), Molina (2008), Ribeiro (2010). Entre outros.

No que se refere ao tipo de pesquisa definimos como qualitativa considerando a natureza dos dados. Quanto aos procedimentos metodológicos utilizou-se na investigação a pesquisa de campo, com aplicação de questionário, diálogo com a professora da escola. Pois buscamos as informações diretamente no ambiente escolar, utilizando para construção dos dados obtidos a observação de aulas. O local da pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Fazenda Socorro, localizada no município de Santa Rita/PB. A escolha da escola se deu por já conhecer e de termos conhecimento com a professora, como exposto acima.

Estruturamos o estudo da seguinte forma: no primeiro capítulo intitulado; Introdução contém o objeto de pesquisa, os objetivos, a metodologia. No segundo capítulo intitulado; refletindo sobre educação no campo, escola rural e classes multisseriadas, fazemos uma reflexão teórica sobre os conceitos que envolvem a temática dessa pesquisa: Educação do Campo, Escola rural e classes multisseriadas. O terceiro capítulo com o título; Práticas Pedagógicas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Fazenda Socorro, apresenta e analisa os dados da pesquisa. E por fim, apresentamos as conclusões do trabalho.

## **2 REFLETINDO SOBRE EDUCAÇÃO NO CAMPO, ESCOLA RURAL E CLASSES MULTISSERIADAS**

Neste capítulo fazemos uma reflexão sobre Educação do Campo, escola rural e classes multisseriadas, no sentido de compreender nosso objeto de estudo. Para tanto, nos fundamentamos nos autores: Caldart (2009); Hage (2010; 2012); Batista (2013); Molina (2008), Ribeiro (2010), entre outros.

### **2.1 Educação do Campo: concepção e princípios**

Neste item faço um breve resgate da história da educação do campo no Brasil, apresento ainda a importância das lutas dos movimentos sociais do campo para a construção de políticas públicas educacionais apropriadas aos anseios pelos povos do campo e aponto algumas dificuldades que foram e ainda são encontradas por eles de uma educação de qualidade *do e no* campo

Na reflexão sobre a educação do campo, vale lembrar que no ano de 2018 se comemorou 20 anos da educação do campo e do Pronera. O movimento por uma educação do campo teve seu início na I Conferência Nacional por uma educação básica do campo, realizada em 1998. Este movimento vem denunciar que há muito tempo está presente uma estrutura agrária baseada no latifúndio e que nega aos camponeses o direito à terra e gera muitas desigualdades, entre as quais salientamos o não acesso à educação de qualidade.

O movimento denuncia as desigualdades, reivindica direitos e propõe uma política de educação que reflita os interesses, os modos de viver, as culturas, e o projeto de campo que eles defendem, entre as ideias fundamentais para a educação do campo. Ressalta-se que o projeto da escola deve ser alinhado às concepções da educação que foram definidas pelos sujeitos protagonistas da educação do campo, que são os trabalhadores sujeitos do campo; a educação deve contemplar a diversidade e a complexidade dos diferentes camponeses, caiçaras, ribeirinhos, quilombola, indígenas.

A segunda ideia afirma que a escola deve ser vinculada a essa cultura que existe no campo. Pois desde que a escola chegou ao campo foi uma escola que leva o mundo urbano para o campo sem atender as necessidades do povo do campo. Caracteriza-se como educação rural, e a educação do campo se opõe a essa lógica. A terceira está vinculada ao projeto de campo e de sociedade que interessa aos movimentos sociais que possibilite aos sujeitos do campo sua emancipação, porque essa perspectiva da educação do campo é de emancipação e transformação

dos sujeitos, é um projeto de educação que visa a emancipação que vincular a teoria e a prática na construção de conhecimento, que os sujeitos saiam da escola sem uma compreensão das contradições e dos problemas onde possam atuar, a educação do campo é uma luta, mais com avanços da mobilização social que conquistou ao longo de vinte anos são frutos de políticas e programas de educação do campo.

O movimento por uma educação do campo surgiu através de movimentos sociais, onde os manifestantes perceberam a necessidade lutar por uma educação e escola que possibilite o acesso ao conhecimento da leitura e da escrita, para que pudessem reivindicar melhor os seus direitos adquiridos e efetivados na prática.

A partir da II Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho de 1998, os movimentos nomeiam o projeto de educação que eles defendem de Educação do Campo, (CALDART, 2012, p. 260).

Portanto, o conceito de Educação do Campo é relativamente recente. Ele é fruto das demandas dos movimentos camponeses por uma política educacional para os povos do campo os assentados e acampados da reforma agrária, os quilombolas, ribeirinhos pescadores e extrativistas. Por meio das lutas várias conquistas foram alcançadas como o Programa Nacional da Reforma Agrária (PRONERA), e a Coordenação Geral de Educação do Campo. No que se refere às classes multisseriadas é uma organização do ensino fundamental, principalmente voltada para o meio rural promovida pelas escolas nas quais as turmas são compostas por alunos de diferentes idades, séries e níveis de ensino aprendizagem.

Com esse tipo de organização uma só professora trabalha com esses alunos na mesma sala de aula e no mesmo horário, a classe multisseriada muitas vezes é organizada por nas escolas rurais por não se ter número suficiente para se formar classes uniseriadas e por isso são formadas classes multisseriadas, nos limites de um mesmo espaço físico. As escolas multisseriadas são identificadas como necessárias para a educação das crianças dadas as especificidades das demandas da escola rural. Ela deve ser comprometida com o povo que vive e mora no campo.

No entanto, a luta por uma educação do campo não é uma questão local ou regional ela é uma questão abrangente histórica que vem sendo desenvolvida desde as experiências de Educação Popular nos anos de 1950 até os dias atuais. Os movimentos sociais do campo lutam pela reforma agrária, moradia, trabalho, território e por educação do campo, assim como as organizações sindicais, diferentes comunidades, escolas rurais, entre outros.

Nesse sentido, Caldart (2012, p. 261) explica que:

A realidade que produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja no e do campo.

A educação do campo se fortaleceu em reivindicar os direitos dos povos do campo por uma política educacional justa, que esteja vinculada aos modos de vida dos povos do campo e que contribua para a formação humana vinculada a um projeto de sociedade, como afirma (BATISTA, 2016, p. 8).

A Educação do Campo tem como base de sustentação a valorização da vida do campo visando construir políticas públicas que garantam o direito dos povos do campo de trabalhar e estudar no campo estabelecendo relação de solidariedade e sustentabilidade nas relações entre a educação, Agricultura Familiar e os demais aspectos culturais e produtivos dos povos do campo. Também busca fortalecer a formação humana para a emancipação, promover uma reflexão crítica sobre as contradições da sociedade opressora valorizando uma sociedade solidária, igualitária, ambientalmente e socialmente sustentável. Para tanto, enfatiza a valorização e o respeito aos costumes da tradição e aos modos de vida e de trabalho dos trabalhadores do campo e reforçar o pertencimento a um lugar, a uma comunidade, a um assentamento.

Os movimentos defendem que a educação do campo esteja presente nas escolas que estão no campo, atendendo a alguns princípios que são destacados por Batista (2016, p. 83-84).

Dentre os princípios teóricos e metodológicos da educação do campo que devem orientar as ações das escolas do campo destacam-se: a formação humana em todas as suas dimensões como primazia do ato educativo; o compromisso com um projeto de sociedade, de campo e de agricultura familiar; promover uma leitura crítica e engajada da realidade social que contribua para a organização dos setores oprimidos e aponte para a transformação da realidade; valorização da terra como instrumento de vida, de cultura, de produção.

Defendendo uma educação com especificidade para a população do campo os movimentos sociais do campo vêm se posicionando na luta por uma política de educação que contemple as especificidades e a diversidade das diferentes populações camponesas que vivem do/no campo, desta maneira a educação do campo vem a ser inserida no ordenamento jurídico das políticas educacionais com a definição normativas da educação do campo que são exemplos de ordenamento.

Os movimentos sociais do campo defendem a importância da educação do campo como parte de um projeto de emancipação social e política defendem a efetivação de políticas educacionais específicas para os povos do campo.

A formação de educadores em nível superior é uma exigência a colaborar para a efetivação e melhoria da educação básica. A Educação do Campo refletida pelos movimentos sociais é aquela que busca atender as especificidades das populações que vivem e trabalham no/do campo tais como, ribeirinhos, caiçaras, extrativistas, pescadores, indígenas, quilombolas e assentados, com suas histórias, seus valores, cultura e modo de vida diferente. É necessário que se desenvolva uma educação voltada para essas pessoas sem perder a qualidade e a essência das diferentes culturas que compõem os diversos modos de vida, que caracterizam os povos do campo.

A Educação do campo é um conceito em construção, destacando-se como “fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses das comunidades camponesas”, (CALDART, 2012, p. 259).

O projeto de educação dos movimentos sociais, questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

O processo democrático para ser garantido é necessário que o gestor seja capaz de promover os segmentos representativos da comunidade escolar, para ter direito, vez e a voz para discutir e refletir as tomadas de decisões no processo de construção do Projeto Político Pedagógico da escola do campo. No Art. 4º da Resolução 01/2002 define como deve ser o Projeto Político – Pedagógico das escolas do campo:

O projeto institucional das escolas do campo, expressão do trabalho compartilhado de todos os setores comprometidos com a universalização da educação escolar com qualidade social, constituir-se-á num espaço público de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o mundo do trabalho, bem como para o desenvolvimento social, economicamente justo e ecologicamente sustentável. BRASIL (2002).

O campo a partir de sua organização para reivindicar uma educação com princípios que visem a formação humana, voltada para um projeto de campo dos movimentos na educação

voltada para a realidade social e econômica dos sujeitos do campo obteve algumas conquistas de Programas de Educação do Campo, conforme Batista (2011, p. 62).

a) PRONERA- Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária, em 1998; b) Saberes da Terra-Programa Nacional de Educação Integrada com Qualificação Social e Profissional para Agricultores/as Famílias, em 2005; c) Projovem Campo – Saberes da Terra, em 2007; d) Procampo – cursos de Licenciatura em Educação do Campo para a formação de professores da educação básica nas escolas situadas nas áreas rurais, considerando as diretrizes políticas pedagógicas publicadas neste edital formuladas em consonância com a Resolução CNE/CEB Nº1, de 3/4/2002.

Em especial o PRONERA que possibilitou a criação de cursos que vão desde a alfabetização de jovens e adultos até pós. Através desses cursos que foram criados, grupos e projetos de pesquisa, com criação de cursos regulares nas universidades com o comprometimento a educação do campo.

Na concepção das autoras (MOLINA e SÁ, 2010, p. 326), a escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da educação do campo, de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no campo. Nessa direção a Resolução CNE/CEB nº1/2002 trata da identidade da escola do Campo como sendo:

Definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país.

Diante das desigualdades sociais e a opressão sofrida pelos sujeitos do campo (CALDART, 2002, p. 32) destaca que “é por isso que afirmamos que não há como verdadeiramente educar os sujeitos do Campo sem transformar as circunstâncias sociais desumanizantes, e sem prepará-los para ser os sujeitos destas transformações [...]”.

A educação e a escola do campo deverão estar empenhadas com um projeto da sociedade do campo e de agricultura, valorizar a terra como um instrumento de vida, cultura e produção, engajar os sujeitos a uma leitura crítica da realidade na expectativa da transformação dela.

A educação do campo, como prática social ainda em processo de constituição histórica, tem algumas características que podem ser destacadas para identificar, em síntese, sua novidade ou a “consciência de mudança” que seu nome expressa.

A proposta dos movimentos sociais intenciona construir a partir de suas lutas, de maneira compartilhada uma política que amplie o sentido da educação com vista às diferenças



existentes entre campo e cidade, como um projeto construído coletivamente pelo povo e com o estado politicamente identificado como educação do campo.

A educação do campo é fruto da luta e conquista dos Movimentos Sociais do Campo (MSC), que se diferencia da educação rural proposta pela elite agrária no Brasil. Desde 2002, que as Diretrizes Operacionais do Campo direcionam para que a mesma possa passar por transformações no currículo, que possa ser contextualizado e voltado para “radicalização da democracia a partir da exigência da co-gestão, da soberania fundada em valores humanistas (solidariedade, justiça social, respeito à terra e seus ciclos e movimentos) (BATISTA, 2011, p. 30).

No entanto a educação do campo compreende que o campo e a cidade não podem ser tratados de formas desiguais, porque uma depende da outra, desse modo a educação do campo reivindica e abre espaços para a efetivação ao direito à educação. A educação do campo se identifica pelos sujeitos e não apenas por uma somatória de programas se faz necessário uma luta no campo das políticas públicas, na razão que essa é única maneira de ligar o acesso a uma educação, de forma a construir uma educação que forme pessoas como sujeito de direitos, honestos de fazer da luta permanente a sua conquista.

A escola rural era vista de maneira por uma educação muito mais voltada para as populações urbanas, defendendo valores e crenças da sociedade urbana com o foco na indústria, que pregavam que a cidade era o melhor local para viver, assim promovendo o êxodo rural, então ficando no campo os moradores onde estavam sujeitos a trabalhar árduo e sem expectativa de ser “alguém na vida”, sendo um pensamento ideológico presentes nas falas dos pais e responsáveis dos estudantes residentes na zona rural.

No campo há uma predominância de escolas com classes multisseriadas. Em geral as escolas rurais apresentam um conjunto de problemas denunciado pelos movimentos sociais e reconhecidos pelo poder público BRASIL/MEC/INEP (2007):

A insuficiência e a precariedade das instalações físicas da maioria das escolas; as dificuldades de acesso dos professores e alunos às escolas, em razão da falta de um sistema adequado de transporte escolar; a falta de professores habilitados e efetivados, o que provoca constante rotatividade; currículo escolar que privilegia uma visão urbana de educação e desenvolvimento; a ausência de assistência pedagógica e supervisão escolar nas escolas rurais; o predomínio de classes multisseriadas com educação de baixa qualidade; a falta de atualização das propostas pedagógicas das escolas rurais; baixo desempenho escolar dos alunos e elevadas taxas de distorção idade-série; baixos salários e sobrecarga de trabalho dos professores, quando comparados com os dos que atuam na zona urbana; a necessidade de reavaliação das políticas de nucleação das escolas; a implementação de calendário escolar

adequado às necessidades do meio rural, que se adapte à característica da clientela, em função dos períodos de safra.

As classes multisseriadas são caracterizadas pela organização de turmas compostas por mais de uma série num mesmo espaço e sob a responsabilidade de um único docente. Essa junção gera uma diversidade, estudantes com situações diferenciadas em relação às idades e consequentemente no que se refere aos processos de ensino aprendizagem, capacidades cognitivas.

O que torna essa situação mais agravante é a combinação da precariedade das escolas, a não existência de um projeto político pedagógico específico que orientem práticas pedagógicas adequadas, a formação dos educadores que não trata dessa realidade. Além disso, as secretarias exigem que a organização pedagógica seja separada por série e que sejam efetivados planos de aulas para cada série, o que resulta numa sobrecarga de trabalho para o professor.

Para os discentes o processo de ensino- aprendizagem nas classes multisseriadas se torna complicado, pois os alunos do campo nessas classes necessitam de uma forma de ensino diferenciada, devido à junção de série que divide o mesmo espaço. Essa prática de ensino, ou, porque não dizer essa necessidade de levar o conhecimento o setor rural, tem levado estudiosos a buscarem recursos que favoreçam a educação formal dos educandos do campo.

No que tange à questão das classes multisseriadas o trabalho de Hage (2005) tem se destacado e apresentado importantes contribuições para o debate. Dentre suas principais preocupações se destaca a necessidade de garantia dos parâmetros de qualidade do ensino público conquistados pelos movimentos sociais e suas relações com os marcos operacionais preconizados pela legislação educacional brasileira.

Quando se trata do ensino no meio rural, (HAGE, 2005, p. 44) indica que “apesar de concentrar mais da metade das escolas brasileiras, [...] a metade das escolas do campo ainda é de uma sala e 64% são multisseriadas”. Por isso, a escola do campo, como parte de um projeto maior da classe trabalhadora, propõe-se a construir uma prática educativa que efetivamente venha ao encontro dos anseios dos sujeitos que residem no espaço rural, propiciando melhores condições e permanência a eles.

Quanto à educação do meio rural, Batista (2013) diz que esta apresenta vários obstáculos, dentre os quais ressalta: o número reduzido de escolas, precariedade na estrutura, ausência de políticas de valorização e qualificação dos profissionais, financiamento insuficiente, para manter as escolas em boas condições, currículos que não contemplam as especificidades do campo e dos sujeitos, analfabetismo, acessibilidade, presença de classes

multisseriadas, priorização do atendimento para os anos iniciais do ensino fundamental e outros. Enfim e sobretudo a falta de transportes esse é um obstáculo, tanto para os alunos como para os professores que dificultam suas idas e vindas.

Com os avanços teóricos na área as práticas de transposição do currículo urbano para o meio rural passaram a ser categorizadas como urbanocêntricas e questionadas. (XIMENESROCHA, 2007, p. 91).

O termo urbanocêntrico é aqui utilizado para se referir a uma visão na qual a concepção de educação e organização didático-pedagógica utilizadas nas escolas da cidade é transferido para as escolas localizadas nas áreas classificadas pelos órgãos oficiais como rurais, cuja centralidade é a cidade e o processo de urbanização.

Aqui nos mostra que as escolas da cidade têm mais recursos do que as do campo, por isso, que os alunos do campo eram submetidos a esses equívocos assim apontados na educação do campo. Boa parte dos pesquisadores que se refere às escolas localizadas no meio rural qualificadas como carentes. São apontados: a precariedade da estrutura física das escolas; as longas distâncias percorridas por professores e alunos para chegar até a escola; a dificuldade de acesso à merenda escolar; a baixa qualificação dos professores e o currículo urbanocêntrico, Pereira (2005).

A educação do campo é comumente confundida com a educação rural. Conforme Ribeiro (2012, p. 293) mostra:

Para definir educação rural é preciso começar pela definição de sujeito a que ela se destina. “De modo geral, o destinatário da educação rural é a produção agrícola construída por todas aquelas pessoas para as quais a agricultura representa principal meio de sustento” (Petty, Tombim e Vera, 1981). Aponta que é destinada aos camponeses que residem e trabalham no campo e recebem os menores rendimentos pelos seus trabalhos.

A Escola rural oferece uma educação a mesma educação que é desenvolvida na zona urbana, distante da concepção de escola que a Educação do Campo defende, conforme apresenta (RIBEIRO, 2002, p. 6):

Esta escola formadora de homens e mulheres, que não separa o trabalho e a formação, que se articula com a produção, o meio ambiente e o mercado, que se constitui em um pólo cultural, em espaço integrado e integrador de experiências, de aprendizados, de participação, de produção de novos conhecimentos, de constituição de identidades indígenas e camponesas, pessoais e coletivas, na luta por direitos e contra a discriminação e a opressão, esta é uma escola estratégica para desenvolver o campo na perspectiva de uma agricultura ecológica e sustentável. Esta é uma escola para integrar campo e

cidade sem subordinação nem da cidade nem do campo. Esta é uma escola para enraizar ainda mais os jovens em sua realidade, para formar homens e mulheres em compromisso com seu trabalho, sua cultura, sua vida, sua comunidade, um compromisso com um mundo em que haja justiça, solidariedade, democracia, respeito à diferença na igualdade de condições de vida, trabalho e participação política.

Na concepção de Caldart (2002, p.18), os povos do campo devem ser atendidos por políticas de educação que garantam seu direito a uma educação que seja *No* e *Do* campo.

Conforme esclarece a autora: “*No*: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; *Do*: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais”.

A educação das populações do campo foi prejudicada ao longo da história de nosso país em decorrência do sistema educacional não ter considerado o meio em que vivem os educandos, suas especificidades e seu modo de vida. Esta lógica tem sentido contrário às expectativas dos sujeitos da educação do campo, o que motivou os movimentos sociais a desencadear uma série de ações na década de 1990, tencionando o estado por políticas públicas específicas para o campo e seus sujeitos.

Os movimentos sociais enfatizam o campo, como um lugar de vida com dinâmica própria de trabalho, de cultura, de lazer e de moradia e consideram que estas questões devem estar presentes na educação, por tanto, exigem políticas próprias e adequadas a esta realidade.

Ao longo dos anos as escolas rurais multisseriadas perduram apesar do desenvolvimento da legislação educacional e dos programas educacionais para essa área, esse fato demonstra que o ensino multisseriado resistiu ao longo dos anos e das políticas educacionais por proporcionar a escolarização para os alunos que vivem em comunidade de difícil acesso.

No Brasil, a educação rural, bem como mostra Silvana Gritti (2003), permanece relacionada a uma concepção preconceituosa a respeito do camponês, conforme registra a história da educação rural. Trata-se dos camponeses, ou seja, daqueles que residem e trabalham nas zonas rurais e recebem os menores rendimentos por seu trabalho.

Para estes sujeitos, quando existe uma escola na área onde vivem, é oferecida uma educação na mesma modalidade da que é oferecida às populações que residem e trabalham nas áreas urbanas, não havendo, de acordo com os autores, nenhuma tentativa de adequar a escola rural às características dos camponeses ou dos seus filhos, quando estes a frequentam. Destinada a oferecer conhecimentos elementares de leitura, escrita e operações matemáticas simples, mesmo a escola rural multisseriada não tem cumprido esta função, o que explica as altas taxas

de analfabetismo e os baixos índices de escolarização nas áreas rurais. “A escola procurou formar grupos sociais semelhantes aos que vivem nas cidades, distanciados de valores culturais próprios” (PETTY; TOMBIM; VERA, 1981, p. 38). Na perda da autonomia dos agricultores, associada à imposição de um conhecimento estranho àquele que é “transmitido e aperfeiçoado de pai para filho, resultante da observação e da experimentação cotidiana, foi facilitada pela escola rural com a mediação da instituição denominada ‘clube agrícola’” (GRITTI, 2003, p. 121). Sendo de modo geral, “o destinatário da educação rural é a população agrícola constituída por todas aquelas pessoas para as quais a agricultura representa o principal meio de sustento” (PETTY, TOMBIM e VERA, 1981, p. 33), a escola rural ela vem de lutas vinculada a educação do campo, foi implantadas por projetos dos movimentos dos trabalhadores rurais MST, como nos mostra as autoras sobre os avanços alcançados na educação rural, uma diferenciação em relação à expressão escola rural. No caso da educação do campo, a entrada dos filhos da classe trabalhadora do campo na escola, os mais desiguais entre os desiguais representam a explicitação inegável da incompetência da ordem educacional vigente para enfrentar o desafio de corrigir consequências das desigualdades estruturais do próprio avanço do sistema do capital no campo (CALDART, 2010, p.330).

Para os trabalhadores foi um avanço em ter a oportunidade de volta a sala de aula já que em sua época não tinha como estudar por trabalhar até tarde e não ter o tempo de escola, e que com esses avanços que a educação rural vem alcançando nas classes multisseriadas, vem sendo desafios para os educandos, como o autor relata: Para Hage (2005), as classes multisseriadas podem contribuir para a permanência dos sujeitos no campo por lhes oferecer uma escolarização no lugar em que vivem, basta acabar com a experiência que é precária da educação nessas escolas.

Assim com a firmação nas classes multisseriadas:

Resolução Nº 2, de 28 de abril de 2008 (\*) informa no Art. 10 que, a melhor localização e as melhores possibilidades de trabalho pedagógico com padrão de qualidade. Garantindo um fortalecimento preciso, criando possibilidades nas estruturas da educação rural como nos mostra a Lei 2º As escolas multisseriadas, para atingirem o padrão de qualidade definido em nível nacional, necessitam de professores com formação pedagógica, inicial e continuada, instalações físicas e equipamentos adequados, materiais didáticos apropriados e supervisão pedagógica permanente (CNE/CEB nº 1/2002.).

Como se trata de sala multisseriada de fato não tem um “início”, no rumo da história da educação. No entanto, indícios elevam ao início do século XX, embora políticas públicas influenciadas por mecanismos internacionais sejam ordenadas com a intenção de “fixar” os

camponeses em suas terras. “Sendo assim, surge o ideário do ruralismo pedagógico, como o objetivo de ter o homem *do* campo *no* campo, o qual previa a alteração e adaptação dos currículos e programas à realidade do campo” (ROCHA E COLARES, 2013a, p. 92).

Este conceito de ruralismo pedagógico foi retomado, dando continuidade quando o governo federal lançou o programa Escola Ativa e PRONACAMPO. O Programa Escola Ativa visa

Apoiar os sistemas estaduais e municipais de ensino na melhoria da educação nas escolas do campo com classes multisseriadas, fornecendo diversos recursos pedagógicos e de gestão; fortalecer o desenvolvimento de propostas pedagógicas e metodológicas adequadas a classes multisseriadas; realizar a formação continuada para os educadores envolvidos no programa em propostas pedagógicas e princípios políticos pedagógicos voltados às especificidades do campo; fornecer e publicar materiais pedagógicos que sejam apropriados para o desenvolvimento da proposta pedagógica (ROCHA e COLARES, 2013b, p. 92).

Para Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Lei nº 9394/1996, se refere ao ensino na zona rural permitindo que ele seja diferenciado. O artigo 28 da LDB/96 determina no Art. 28 que:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região”, nas adaptações se refere, sobretudo: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Conforme o Artigo 23 da LDB/96 determina várias possibilidades de organização escolar e abrindo espaços com as classes multisseriadas, no que afirma:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, em que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

Para tanto, a formação de classes multisseriadas foi mencionada pelo Decreto nº 7.352, de 4/10/2010, que dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, assim no Art. 7º diz que:

No desenvolvimento e manutenção da política de educação do campo em seus sistemas de ensino, sempre que o cumprimento do direito à educação escolar

assim exigir, os entes federados assegurarão: I – organização e funcionamento de turmas formadas por alunos de diferentes idades e graus de conhecimento de uma mesma etapa de ensino, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental.

Nas escolas multisseriadas, um único professor atua em múltiplas séries ao mesmo tempo, reunindo duas ou mais séries do ensino fundamental em uma só sala de aula, como uma das principais características, conforme o autor:

De fato, a realidade da maioria das escolas multisseriadas, revela grandes desafios para que sejam cumpridos os preceitos constitucionais e os marcos legais operacionais anunciados nas legislações específicas, que definem os parâmetros de qualidade do ensino público conquistados com as lutas dos movimentos sociais populares do campo (HAGE, 2010, p.26).

Para as práticas pedagógicas em classes multisseriadas na inexistência de políticas que levem as ações educativas relacionadas à educação são gestadas pelos professores nas suas práticas pedagógicas. No tocante, eles dividem a classe por série ou ano de cada grupo de estudantes e expandir atividades com cada grupo. A professora divide o quadro por cada série e explica as atividades para que os alunos não fiquem com assuntos dispersos.

Para os professores em geral se sentem tristes, nas dificuldades de trabalhar com classes multisseriadas quando oferecida a heterogeneidade que elas apresentam dos estudantes com idades, níveis de aprendizagem e se queixam de preparar mais um plano de aula, pois assim secretarias de educação em geral exigem que os professores trabalhem por série.

As escolas rurais geralmente além de precárias em relação à estrutura física e pedagógica o ensino é descontextualizado da realidade e da cultura dos estudantes e das famílias.

Segundo (BATISTA, 2013, p. 9) indica quaisquer aspectos que possibilitariam uma melhoria da qualidade da educação nas classes multisseriadas.

Do ponto de vista didático-pedagógico, para viabilizar uma educação de qualidade nas classes multisseriadas é fundamental que os projetos pedagógicos das escolas passem a desenvolver outras formas de organização curricular não mais baseada na seriação e com as disciplinas e conteúdos isolados, e passem a privilegiar problemáticas reais e sociais a partir dos quais são estudados os conteúdos clássicos que auxiliam a compreender e resolver os problemas locais.

Analisar novamente é essencial para que os professores não se prendam à concepção de educação urbana e seriada e desenvolva estratégias pedagógicas que levem em consideração a realidade e cultura dos estudantes práticas diversificadas de estudo, das comunidades, levando

em consideração a diversidade e valer-se no sentido de promover ações em coletividade e de grupos onde cada criança possa contribuir com o seu saber de acordo com suas possibilidades.

Como foi visto no começo deste trabalho a educação do campo no Brasil, passou e ainda passa, por constante mudança devido à necessidade de políticas públicas eficientes que atenda às necessidades dos povos que vivem no campo. Acobertada pela lei, no qual pertence à comunidade do meio do campo buscar seus direitos que a ela pertence, conforme mostra abaixo:

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) – Lei de nº 9.394 de 1996 – preconiza em seu Art. 23 que “a educação nacional seja organizada de forma a considerar as especificidades de cada região”.

Portanto no Art. 24 como aborda dos aspectos comuns, que deverão ser atendidos no que tange a carga horária mínima, organização por série ou etapas, regime de progressão, avaliação, frequência mínima e certificações cabíveis aos alunos. O Art. 25 afirma que “deve ser observada a qualidade do oferecimento do ensino através da quantidade adequada de alunos por turma, carga horária e condições estruturais e materiais da escola” (BRASIL, 1996).

Em 2002, instituem-se as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo, a qual delibera sobre a adequação da educação do campo as Diretrizes Curriculares Nacionais em seus vários níveis e modalidades. No seu parágrafo único do Art. 2º diz que:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país BRASIL (2002).

No Art. 3º salienta a garantia da universalização do acesso dos povos do campo a educação básica e profissional de nível médio. No Art. 5º informa que os projetos pedagógicos nas escolas do campo devem observar a “diversidade do campo em todos os seus 23 aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia”. No que se refere à formação docente, assunto de que trata o Art. 12, ainda prevê a formação em nível médio, “qualificação mínima”, para atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. No parágrafo único, enfatiza que fica a cargo dos sistemas de ensino a formação inicial e continuada dos professores, BRASIL (2002).

No Decreto 7.352/2010 a escola do campo é concebida como “aquela situada em área rural [...] ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente as populações do campo”. No que se refere à população do campo, é composta por agricultores, extrativistas,



pescadores, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, trabalhadores rurais, quilombolas, caiçaras, povos da floresta, caboclos e os que produzam sua subsistência a partir do meio rural. Em seu Art. 2º apresenta os seguintes princípios para a educação do campo:

I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia; II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho; III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo; IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; V - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo.

Em seu Art. 3º o Decreto 7.352/2010 responsabiliza a União pela garantia, manutenção e desenvolvimento de políticas voltadas para a educação do campo, cujo objetivo é “superar as defasagens históricas”, o que pressupõe a redução dos índices de analfabetismo, o fomento da educação básica, mais especificamente, a educação de jovens e adultos, a garantia das condições básicas de higiene e infraestrutura das escolas do campo, assim como promover a inclusão digital na área campesina.

O Art. 4º informa sobre o apoio técnico e financeiro destinado ao atendimento de “ampliações e qualificação da oferta da educação básica e superior às populações do campo”.

Já no Art.5º, delibera-se sobre a formação de professores para a educação do campo, a qual deverá observar os “princípios e objetivos da política nacional de formação de profissionais do magistério da educação básica”.

Dessa forma como se encontra formatada a educação oferecida na escola do campo não vem apresentando resultados expressivos para que os sujeitos possam construir o que lhes convém, pelo contrário, o que parece um processo de inclusão, na verdade exclui, porque não obedece à realidade que as leis preconizam a legislação não especifica e não define os parâmetros que contribuem em características específicas para o campo.

A educação do campo é direito de todos os povos do campo ou de pessoas que se identificam com o mesmo e tem como sustento suas origens nas atividades lá desenvolvidas, ao

acesso à educação, que lhes permite implantar em uma metodologia de conhecimentos, e que seja respeitado conforme seus conhecimentos que já possuem acerca do local em que vivem.

### **3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS DOCENTES EM CLASSES MULTISSERIADAS**

Na educação brasileira sabemos que existe uma precariedade no que tange às condições de funcionamento das classes multisseriadas. As dificuldades encontradas pelos profissionais são inúmeras, uma delas é a falta de formação para os professores, de capacitação voltada para atuar em uma sala com diversos alunos com idades e séries. Outra dificuldade se refere às condições de trabalho e a falta de material didático apropriado, que contribua para uma melhoria do ensino. Também temos a evasão escolar que ocorre nas escolas da zona rural.

O papel do professor é fundamental dentro da escola, no desenvolvimento da educação, como o ponto central de sustentação de toda política educacional. Sendo um mediador em adquirir conhecimentos significativos para trabalhar com qualidade nas diversas culturas e colocar em prática as concepções e crenças adquiridas durante seu processo pedagógico sobre o ensino e aprendizagem. Precisa haver uma formação especializada para o magistério, como um currículo adaptado às necessidades do meio rural, sendo a condição para o bom desempenho da profissão do educador. Assim, o professor possa ser um educador com a mesma intensidade que os alunos esperam, um professor acolhedor com sua identidade voltada para aqueles que vivem no campo.

Importante também destacar que em muitas escolas rurais a organização do trabalho escolar é pautada nas classes multisseriadas, sobretudo, devido ao número de alunos serem insuficiente para preencher as vagas necessárias para abertura de cada turma seriada, também pelo espaço físico, não comportar diversas salas de aula.

No que se refere às classes multisseriadas, destacamos a definição de Ximenes-Rocha e Colares, (2013, p. 63):

As classes multisseriadas caracterizam-se por reunir em um mesmo espaço físico diferentes séries que são gerenciadas por um mesmo professor. É, na maioria das vezes, única opção de acesso de moradores de comunidades rurais (ribeirinhas, quilombolas) ao sistema escolar. As classes multisseriadas funcionam em escolas construídas pelo poder público ou pelas próprias comunidades, ou ainda em igrejas, barracões comunitários, sedes de clubes, casas dos professores entre outros espaços menos adequados para um efetivo processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, trabalhar com classe multisseriada é um desafio para os docentes, já que durante a formação, os professores não são orientados para atuarem nesses espaços, os quais necessitam de uma organização e tempo.

As classes multisseriadas possibilitam uma socialização, quer na transmissão de conhecimentos, na veiculação das crenças e valores, quer nas interações de seus sujeitos, nas relações sociais com a comunidade e nas rotinas que se manifestam na amplitude do espaço escolar. No entanto, nem sempre representam a melhor alternativa metodológica para a comunidade, mas como forma de atender às populações rurais, são implantadas.

Conforme salienta (HAGE, 2010, p. 465), ainda nessas práticas educativas:

Parte significativa das escolas multisseriadas possui infraestrutura precária e funcionam, em muitas situações, sem prédio próprio, na casa do professor, de um morador local ou em salões de festas, barracões, igrejas etc.; sem energia, água, equipamentos e dependências necessárias para o funcionamento adequado.

A classe multisseriada tem levado o educador e educadora atuarem em múltiplas séries concomitantemente, desenvolvidas em uma única sala de aula, onde os alunos apresentam diferentes níveis de aprendizagem e faixa etária. Além disso, tem o fato desses educadores enfrentarem uma sobrecarga de trabalho, uma vez que “além das atividades docentes, são forçados a assumir outras funções, na escola, como: faxineiro, diretor, secretário, merendeiro, e na comunidade, como: líder comunitário, agente de saúde, parteiro etc.” (HAGE, 2010, p. 466).

É pertinente salientar que a maioria dos educadores que atuam nas escolas do campo é oriunda da cidade, e ao se deparar com a realidade citada, em geral, por possuir uma formação alicerçada pela visão urbanocêntrica, tende a reproduzir a lógica vigente. Em tempos atuais, já existe formação em educação do campo, com graduação na mesma área e as especializações, capacitações voltada para a educação do campo, a professora da Escola Fazenda Socorro tem o curso de graduação em pedagogia feito pela UFPB, no relato dela, disse que em sua época se tivesse esse curso de pedagogia do campo com certeza iria ajudar bastante, pois não teve a preparação para trabalhar com as classes multisseriadas. Sendo assim, observando esses entraves na formação do professor, (HAGE, 2011, p. 334) relata que:

“Nas escolas multisseriadas, um único professor atua em múltiplas series concomitantemente, reunindo, em algumas situações, estudantes da pré-escola e dos anos iniciais do ensino fundamental em uma mesma sala de aula. Observando então o trabalho do professor em escolas do campo como um dos principais problemas a ser combatido sendo um desafio a educação do campo”.

Onde pode ser encontrada a dificuldade do profissional ao encontrar-se em uma sala com multisserie e alunos de diferentes idades/séries, diversificadas em uma classe multisseriada.

#### **4 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL FAZENDA SOCORRO**

Neste capítulo vamos fazer análise dos dados da pesquisa empírica realizada no período de 07/08 a 11/10/2018. Através da observação e questionário a pesquisa de campo foi com a colaboração da professora Maria José, com formação em licenciatura em pedagogia, pós-graduação em gestão escolar e educação inclusiva. A mesma atua na área da educação há 29 anos, e trabalha em duas escolas, inclusive nesta escola de classes multisseriadas há mais de 15 anos.

Um dos desafios enfrentados e observados foi em relação a forma de organização do ensino ou metodologia aplicada em sala de aula que se tratou no período de observação de uma sequência didática, trabalhada por uma semana, duas ou até mesmo um mês. A classe conta com sete alunos e é organizada em grupos separados por série ou em grupão (um grupo de dois do pré-escolar, em outro três alunos do 1º ano, um aluno do 2º ano, um aluno do 4º ano) dependendo das atividades trabalhadas, a aprendizagem varia de aluno para aluno, alguns absorve rápido, outros com dificuldades. Observo que alguns representam dificuldades na atenção em relação à socialização, de acordo com a fala da professora procura fazer atividade em grupo colocando os mais tímidos com os mais extrovertidos, fazendo com que toda turma interajam, uma das principais dificuldades relatadas pela professora, à falta de materiais didáticos, especialmente de livros específicos para essa classe de multisseriada. Perguntei a professora como é feita sua avaliação no ambiente escolar. Segundo ela, a relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno-professor no ambiente escolar é boa, o aluno fala, interage e expõe suas dúvidas e sugestões. O professor acata e troca suas experiências. A professora trabalha de maneira participativa, interagindo, tirando dúvidas, escutando as experiências e vivências de cada estudante. Assim os estudantes são bastante participativos, com relação ao professor há uma reciprocidade e uma socialização entre ambos.

Quanto à organização do trabalho pedagógico a professora distribui um determinado o tempo de atenção a cada aluno, (oito minutos para cada aluno) ela demonstrou uma preocupação com a aprendizagem dos alunos, como contribuir com a aprendizagem de seus alunos, planejando as atividades para atender as necessidades de cada grupo da turma de forma diferenciada. A professora salientou entre suas dificuldades de sua prática profissional nas classes multisseriadas foi a falta de ajuda pedagógica por parte da secretaria, a professora se sente esquecida por ser uma escola da zona rural.

Refletindo sobre o que foi observado em sala multisseriada a professora desenvolveu estratégias diferenciadas para atender as demandas dos níveis de escolarização de seus alunos com atividades que garantissem que os alunos de níveis diferentes dominem os conteúdos didáticos, o que nem sempre permite uma educação de qualidade e contextualizada para a realidade da comunidade, na qual estão inseridas, destaca como um dos desafios.

Dando a continuidade à investigação sobre o assunto, identificou que havia muito a ser estudado e refletido acima do tema desenvolvido, sobre as práticas pedagógicas, pois cada ambiente escolar do campo apresenta uma especificidade única da escola da zona rural, no caso em questão no que diz respeito à localidade verifiquei outro desafio, ou seja, não existe transporte nem para os alunos nem para os professores, a que dificulta a ida e a volta. Observamos também nas aulas como a professora lida com as especificidades dos alunos e como desenvolve sua prática em situações de alfabetizar seus alunos da melhor forma possível.

#### **4.1 Caracterização da Escola**

Uma reflexão da Escola Fazenda Socorro, sobre o Projeto Político Pedagógico foi quando solicitado da diretora “professora” o PPP desta unidade de ensino, para conhecer as propostas pedagógicas e didáticas da escola que está inserida no território rural, outra preocupação constante, para constatação do campo com seus saberes e fazeres não é retratado, pensado e muito menos citado, logo deveria ser o documento no qual representa a identidade de ensino.

Conforme Projeto Político Pedagógico da escola, elaborado no ano de 2004 que se baseou no Projeto da Escola Ativa. No entanto, A Escola Ativa foi implantada no Brasil no ano de 1997, assim inserida, o alvo era o aumento do nível de aprendizagem dos educandos, reduzir a repetência, a evasão e elevar as taxas de conclusão de parte do Ensino Fundamental das classes multisseriadas. No ano de 2000 foi implantado no município nas escolas de zona rural, o projeto da escola ativa (recurso do Banco Mundial), que tem uma proposta metodológica para as classes multisseriada, fundamentada na Escola Nova.

Refazer o PPP com a participação da comunidade escolar, reuniões com gestores e professores, especialistas. O professor deve trabalhar com a realidade dos alunos, dentro da possibilidade da escola pela comunidade escolar, o que aponta a necessidade de envolvimento de todos no processo de definição do trabalho e das prioridades do ensino-aprendizagem.

O Projeto Político Pedagógico (2004) apresenta a proposta da escola. Esta passa pela a história da comunidade, da qual faz parte, e está de forma breve no seguinte trecho retirado do referido documento:

A Escola Socorro Usina São João, fica localizada no Município de Santa Rita, às margens da BR 004, neste Município de Santa Rita, PB. A escola foi fundada no ano de 1890 encravada nas terras da Cia. Usina São João, na propriedade denominada “Engenho Central”, Fazenda Socorro neste município de Santa Rita (Paraíba).

Em 14 de Setembro de 1980 o prédio foi averbado para a Prefeitura Municipal de Santa Rita, na época prefeito Severino Maroja, passando a ser Escola Municipal Fazenda Socorro, por doação da Cia. Usina São João, conforme escritura pública lavrada nestas notas, em data de 14 de setembro de 1998. E por construção própria, no ano de 1980. Documento pesquisado do PPP, da escola campo.

Portanto, Santa Rita é um município brasileiro, localiza-se na região metropolitana de João Pessoa, Estado da Paraíba. Uma cidade histórica com suas casas, igrejas, capelas e outros monumentos arquitetônicos em estilo barroco, Santa Rita foi palco na implantação dos primeiros engenhos de cana-de-açúcar na Paraíba, de propriedade canavieira, assim o município apresenta o maior número de fonte de águas minerais do estado da Paraíba, conhecida como “cidade das águas minerais”. A escola passou por ampliação e restauração em 2004, conforme imagens. A Escola Municipal Fazenda Socorro apresenta atualmente uma estrutura de pequeno porte, com oito dependências - é composta por: uma sala de aula, uma direção, uma cozinha, dois banheiros, uma dependência para mantimentos, uma área de serviço, um refeitório que se encontra como uma sala de aula (uso de sala de aula). Nas imagens abaixo podemos observar o local destinado a recreação dos alunos.

Foto 1 – Fundação e Ampliação/restauração respectivamente.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).



A escola também conta com equipamentos: uma geladeira não muito boa em condições, um freezer, um fogão industrial que está em péssima condição de uso, com internet, mas encontra-se sem uso por falta de manutenção e instalação de equipamentos, faltam computadores, conta com energia elétrica, água potável, as carteiras em boas condições, dois quadro, dois birôs, dois armários, cinco estantes, o material permanente (material didáticos, encontra-se em bom estado de conservação), possui área destinada à recreação e atividades físicas, conforme a fotografia 2

Foto 2- Parte externa da Escola Fazenda Socorro



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

A área externa da escola possui um grande espaço à parte que foi construída. É pequena e não há lugar adequado de recreação onde as crianças possam brincar. Por isso elas brincam no intervalo do recreio em um espaço externo da escola. Apesar das crianças recrearem nestes espaços, a escola possui uma plantação de frutíferos em seu entorno conforme imagem que segue, esta se refere à parte dos fundos da escola.

Como a escola conduz com turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental e EJA, como já foi visto no começo do trabalho, assim conforme nos mostra a lei, a escola do campo precisa ser vista com vigor sobre aquele povo que residem e moram na área rural, Em 2010, as concepções da educação infantil e educação do campo retornam a ser reafirmadas pela Resolução nº4, de 13 de julho de 2010, que deliberou as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

Segundo a Seção I – Educação Infantil está presente a concepção de que as crianças que frequentam a educação infantil, diz que:

As crianças provêm de diferentes e singulares contextos socioculturais, socioeconômicos e étnicos, por isso devem ter a oportunidade de serem acolhidas e respeitadas pela escola e pelos profissionais da educação, com base nos princípios da individualidade, igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade.

Para confirmar que a identidade da escola do campo no meio rural, vem nos mostrando avanços quando se trata em educação básica. Portanto a mesma resolução que registra, a Seção IV, denominada de Educação Básica do Campo, que a educação para a população rural precisa ser vista com as “adequações necessárias às peculiaridades da vida no campo e de cada região, definindo-se orientação para três aspectos essenciais à organização da ação pedagógica”. E conforme a (Lei nº 9.394, 1996, p. 21) também.

I - Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos estudantes da zona rural; II - Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

No texto a identidade da escola do campo é definida por seus atrelamentos com as ações inerentes à sua realidade (aspectos econômicos, sociais, culturais, políticos, de gênero, geração e etnia) e as propostas como formas adequadas de organização são citados como do trabalho pedagógico.

Foto 3– Parte externa da Escola Fazenda Socorro



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

A escola está localizada em uma área de propriedade rural com uma vasta vegetação, como se pode observar na imagem 3. A escola oferece merenda adquirida através de licitação, cujo cardápio é “indicado por nutricionistas”. A merenda é oferecida pelo município e preparada

pela merendeira, já que na escola os funcionários são todos concursados então tem merendeira e a mesma faz seus serviços de limpeza já que não existe funcionário para a limpeza da escola.

Nas imagens abaixo podemos observar que os alunos fazem sua alimentação no refeitório que se transformou em sala de aula e no num espaço de leitura. As paredes todas decoradas com cartazes como calendário, com dos aniversariantes do mês, e figura de desenhos, quadro de giz, a sala é bem arejada.

Foto 4-Crianças fazendo suas refeições na sala de aula



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

Como a escola não tem espaço para refeitório, a professora auxilia todos na sala de aula, assim como é vista a escola rural, com precariedade na infraestrutura.

Os livros disponíveis para a leitura são os didáticos que ficam na prateleira no fim da sala, que também serve para auxílio para recortes e colagens durante as aulas. Como também fica disponível um filtro de água em cima de uma pia, utilizado pelos alunos ao término das recreações.

Atualmente conta com seis funcionários distribuídos conforme quadro abaixo:

Quadro 5 – Distribuição dos funcionários.

<b>Cargo / Função</b>	<b>Quantidade de pessoas</b>
Diretor	1
Secretario	-
Professores Efetivos	2
Merendeira	1
Vigilantes	3

Com relação ao nível de formação dos funcionários da escola, só as professoras têm curso de nível superior. A escola não possui conselho escolar, refazer o PPP com a participação

da comunidade escolar, reuniões com gestores e professores, especialistas. O professor deve trabalhar com a realidade dos alunos, dentro da possibilidade da escola pela comunidade escolar, o que aponta a necessidade de envolvimento de todos no processo de definição do trabalho e das prioridades do ensino-aprendizagem. São compostos pela própria comunidade, professores, aluno e direção. O número total de alunos matriculados na escola é de vinte sete alunos distribuídos da seguinte forma:

Quadro 6 – Distribuição de modalidades e quantitativos de alunos

<b>Modalidade</b>	<b>Quantidade de Alunos</b>
Educação Infantil	2
1º ano Ens. Fundamental	3
2º ano Ens. Fundamental	1
3º ano Ens. Fundamental	-
4º ano Ens. Fundamental	1
5º ano Ens. Fundamental	-
EJA	20

No seu Projeto Político Pedagógico de 2004 apresenta uma divisão de turmas, nas quais já se prevê as seguintes salas séries:

Turmas: 01 – pré-escolar ( sala única); 01 – 1ª e 2ª séries ( multisseriada ); 01 – 4ª série ( multisseriada ); 01 – Educação da Jovens e Adultos ( sala única ).

A distribuição do quadro acima, não apresenta a proporção com a realidade observada e relatada em questionário preenchido pela diretora da escola. Na referida tabela, os alunos foram distribuídos por turmas, mas, estão em sala multisseriada, como mostra a tabela abaixo:

Quadro 7– Distribuição dos alunos e suas respectivas turmas

<b>Junção de turmas</b>	<b>Quantidade de alunos/série</b>	<b>Total de alunos</b>
Pré II	1 +1	2
1º ano EF +2º ano EF +4º ano EF	3+1+1	5
EJA	20	27

A direção da escola aponta como principais problemas a “evasão, o acesso à violência” e, como a participação da comunidade na escola, reuniões sempre em dia com os assuntos a serem tratados com os alunos presentes e pais e mães.

A proximidade Escola-Família-Comunidade – Ambos os campos, defendem a harmonia de complementariedade (não de subordinação), entre escola e família.

#### 4.2 As práticas pedagógicas da professora na classe multisseriada.

A presente pesquisa contou com a colaboração da professora da escola de classe multisseriada, e destacamos que mesmo diante das dificuldades e limitações, a professora não deixou de responder aos questionamentos, e as informações necessárias para o andamento da pesquisa, e no momento que a professora ministrava sua aula, respondia as questões solicitadas. A professora observada, é formada em pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com formação em licenciatura em pedagogia, pós-graduação em Gestão Escolar e Educação Inclusiva, atua na área da educação há 29 anos, trabalha em duas escolas, inclusive na escola de classes multisseriadas, há mais de 15 anos. Atualmente leciona no ensino fundamental – anos iniciais e na pré-escola.

Sua turma tem sete alunos, dentre os quais dois estão no pré-escolar e cinco estão divididos no ensino fundamental. A faixa etária de idade dos alunos é entre quatro e doze anos, o que torna o desafio maior diante de tamanha disparidade de idade, o que é característica dessa realidade da educação do campo.

Destacamos que a professora citada leciona em duas classes de aula, no primeiro momento em uma sala muito ampla e organizada. A escola também atende a educação de Jovens e Adultos - EJA, ficando com esses alunos do EJA no segundo momento, em horários divididos. No segundo momento numa sala menor onde foi organizada para atender seus alunos da multisseriada. (Ver Anexo)

Todos os dias a professora faz seu percurso de 6 km de ônibus, em suas idas e vindas para a escola no período da tarde no horário de 13h às 16:15h, horário que começa as aulas. Sua turma conta com um total de sete alunos matriculados, este horário foi combinado respeitando a distância percorrida pelos alunos e professor, assim, segundo depoimento da professora, amenizaria o acontecimento de alguns imprevistos que atrapalhe a caminhada de chegada até a escola, como as chuvas, a dificuldade do transporte, quando alguns pais precisam de um momento de conversa a respeito do desempenho de seus filhos nas aulas.

Quanto ao material didático usado na sala, percebemos que tudo é bem simples: cartolina, lápis de cor, cola tesoura, revistas, jornais, carimbos com desenhos, e tudo é socializado entre os alunos com a orientação da professora que demonstrou dedicação, paciência e muita criatividade ao ministrar planejar e ministrar suas aulas.

Como se pode observar na figura (5) a sala é grande bem organizada. O principal instrumento é o quadro de giz, onde são copiados textos e exercícios para os alunos em seus cadernos. Essa prática, ainda faz parte de uma pedagogia tradicional que tende a trabalhar os assuntos sem uma preocupação em provocar os alunos para construir seus conhecimentos, sendo assim, o principal referencial é a produção de texto e a leitura que o aluno faz do livro adotado.

Foto 5 – Classe no primeiro momento de aula (Pré-escolar ao ensino fundamental)



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

A professora organiza seu trabalho pedagógico através da metodologia aplicada em sala de aula que é a sequência didática, trabalhada por uma semana, duas ou até mesmo um mês, já que lá não existe supervisora na escola para orientá-la, observamos em seu caderno de planejamento, onde a professora sistematiza suas aulas expondo objetivos para cada semana de aula, então reunir-se com a equipe pedagógica da secretaria de educação a cada uma vez no mês então o tempo para ministrar suas atividades pedagógicas é bastante corrido no que fala em classe multisseriada. Pensar na ação da professora é bastante importante com a prática pedagógica, revela que seu compromisso com a aprendizagem e com o fazer docente, além de adequar uma reflexão sobre sua prática, o que conseguiu ou não atender durante a semana de aula. Sempre no início do ano letivo a professora faz atividades de sondagem com os alunos, visto na primeira semana do planejamento, não distinguindo atividades e conteúdos.

Dentre os vários desafios do ato de planejar, o professor que trabalha com alunos de turmas diferentes numa mesma série ainda encara o grande problema que é o ato de planejar para alunos de diferentes séries em uma mesma sala.

No caso da condução do processo pedagógico, os professores se sentem angustiados quando assumem a visão da multisserie e tem que elaborar tantos planos e estratégias de ensino e avaliação diferenciados quanto forem às séries reunidas na turma; ação essa, fortalecida pelas secretarias de educação quando definem encaminhamentos pedagógicos e administrativos pedagógicos. (HAGE, 2006. p.4).

A Educação do Campo delibera que devemos levar em consideração as temáticas do campo, mas o que percebemos, é que as temáticas referentes ao campo não são bem exploradas no fazer e no realizar do planejamento, onde deparamos com ensino fragmentado e baseado na concepção tradicional urbanizada e não da realidade do campo.

A professora destacou em sua fala, que na sua formação, não foi preparada para trabalhar com as classes multisseriadas e que sua formação falhou em relação à falta de alternativas metodológicas, à falta de capacitação para os professores, proposta pedagógicas específicas para a realidade que nela atua. Além de uma sobrecarga no tempo que deve ser dedicado as aulas em si, dificultando o planejamento e organização do trabalho como um todo. Todo o esforço e dedicação dessas professoras que atuam no campo, não são devidamente recompensados, nem com um tempo livre para planejar nem com salários mais dignos para a categoria. Porém constatamos que mesmo diante de tantas demandas, a professora citada, como já foi dito, atua em classes multisseriadas a mais de dez anos, e salientou um lado positivo, ou seja, muito do que sabe aprendeu nas práticas e vivências ao longo desses dez anos de magistério com essa realidade da escola do/no campo.

Para o desafio de planejar para uma sala multisseriada, incluir tempo e conteúdo revertendo em ensino aprendizagem com resultados significativos mesmo a longo prazo faz diferença. Segundo Gandin (2014) “É fundamental pensar o planejamento como uma ferramenta para dar mais eficiência à ação humana, o planejamento facilita as decisões e lhes dá consistência e auxilia na organização da prática”.

Para desenvolver as atividades em sala de aula, a professora utiliza várias estratégias (metodologias), às vezes separando em grupos por série quando as atividades são de leitura, produção de textos, matemática e outras áreas do conhecimento.

Quando as atividades são lúdicas envolve toda a turma num trabalho mais coletivo. A professora também informa que às vezes não dá tempo para cada série ser trabalhada, já que ela



é sozinha na sala de aula, sem ter ajudante que possa dar um apoio (monitor), isso dificulta no momento para trabalhar melhor a aprendizagem dos seus alunos, e ao perguntarmos quais as dificuldades encontradas na sua prática profissional nas classes multisseriadas, respondeu ser várias: à falta de material didático seria uma delas. Relatou sua dificuldade com o livro didático, pois segundo seu depoimento não são específicos para sala multisseriada, não são adequados para essa turma, ou seja, a secretaria municipal não leva em conta a especificidade da escola rural, trata a escola rural como escola urbana, os livros didáticos são distribuídos pela secretaria municipal e são padronizados, o que dificulta ainda mais o processo de ensino-aprendizagem.

À falta de apoio pedagógico de uma equipe eficiente, faz falta afirma a professora, diz ainda que se senti esquecida, e por ser uma escola na zona rural, o encontro com a secretaria de educação é uma vez a cada mês.

No primeiro momento a professora faz suas atividades com seus alunos na sala em que a turma da EJA tem aula, então chegando à turma da EJA, a professora se retira do local e vai para sala que é o pátio que os alunos fazem suas refeições.

Registramos momentos em que foram realizadas atividades com os alunos da pré-escola e a 1ª série, a professora utilizou de xerox para textos e logo após, fez atividades de desenhos e pinturas e destacou que por eles serem pequenos, ainda fase de desenhar, pintar, recortar e colar, acha mais adequada esses trabalhos de arte para esses alunos desenvolverem suas habilidades e coordenação motora:

Foto 6 - Sala Multisseriada do Pré-escolar II (observar atividade do aluno)



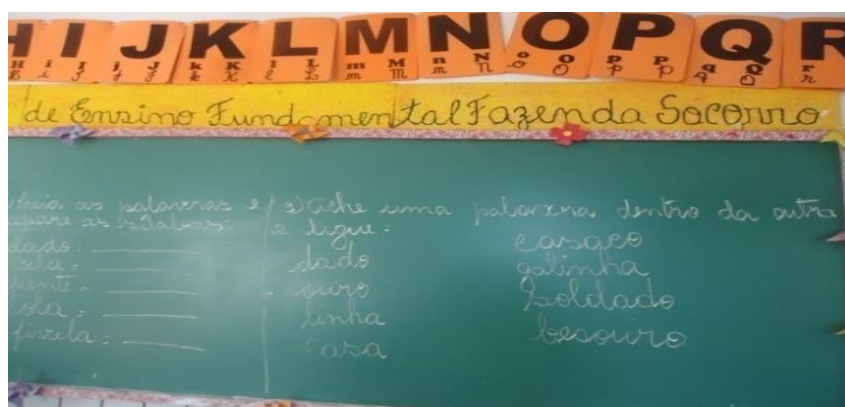
Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

Usa como instrumento as fichas pedagógicas conforme mostra a ilustração acima, utiliza um momento no quadro com os maiores e a prática de arte com os de alfabetização (com as crianças menores). Com os alunos do 1º, 2º, 3º, 4º ano fundamental, como já foi visto acima, a escola conta com material didático, trabalha com os livros didáticos, com o alfabeto móvel para



formar palavras e frases ainda no método tradicional, o que diferencia é que os alunos da pré-escola estão entrando em contato com as letras do alfabeto, enquanto da 1ª série estão em contato com a formação de palavras e alguns cálculos matemáticos. Ainda relatou que depois das atividades e exercícios de leituras, escrita e etc., ainda procura responder as dúvidas dos alunos principalmente do ensino fundamental. Observamos que utiliza como estratégia para a turma não ficar dispersa, atividades no quadro, para assim que terminarem uma tarefa já seguirem acompanhando no quadro outras, como observa-se na foto 7.

Foto 7-Atividade da sala Multisseriada do ensino fundamental



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

A metodologia aplicada pela professora é participativa e tem o objetivo e a preocupação em transmitir os conteúdos básicos de maneira eficiente e atualizada. Ela escreve no quadro conteúdos de Português como: ortografia, encontro vocálicos, encontro consonantais. Os alunos têm atividades de Matemática como números naturais, ordem crescente e decrescente.

As crianças têm atividade de pintura, identificando as cores e desenhando com a orientação e acompanhamento da professora.

Foto-8 Sala Multisseriada (atividade de arte)



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

Para Hage (2005, p. 57) as escolas multisséries “são espaços marcados predominantemente pela heterogeneidade ao reunir grupos com diferenças de série, de sexo, de idade, de interesses, de domínio de conhecimentos, de níveis de aproveitamento etc”.

Esse autor afirma ainda, que a necessidade de se “pensar a educação do lugar dos sujeitos do campo” (HAGE, 2005, p. 56), o qual exige que as políticas educacionais e as práticas educativas ressaltem as especificidades das pessoas do campo, da cultura do campo, da produção do campo. Os desafios são enormes, como percebe-se nos relatos da professora e observações feitas em lócus da escola em questão.

São grandes desafios enfrentados pelos sujeitos que fazem parte da educação do campo. Em relação ao estudo, identificamos fatores capazes adequar um avanço na qualidade da educação oferecida na escola, como por exemplo: equipamento eletrônico como os computadores que estão em falta, professor de educação física, formação continuada para professores etc.

Por ser uma escola numa área de uma usina no ambiente em seu entorno existe um canavial. Também próximo passa um rio e uma plantação de árvores frutíferas como: mamoeiro, coqueiro, cajueiro, goiabeira. Este fato chamou-nos atenção no sentido de que a escola poderia trabalhar e explorar mais o contato com a natureza e relacionar os conteúdos de sala com essa riqueza natural. Porém segundo o depoimento da professora ela realizou apenas uma vez atividade de campo saindo com as crianças para estudar a queimada da cana (prática usual dos plantadores de cana quando vão fazer a colheita) e a poluição do rio, tema previsto em um de seus planejamentos. O motivo, segundo seu relato, de não desenvolver mais atividades didáticas com aulas de campo com as crianças é o fato do perigo do local, já que fica isolado e sem nenhuma proteção, no único dia que fez o trabalho no local saindo com as crianças, a professora solicitou ajuda da merendeira da escola que prontamente a acompanhou, o que lhe deu uma certa segurança de não ficar totalmente sozinha no local.

Destacamos que município aderiu ao o programa do governo do estado da Paraíba SOMA (Pacto pela Alfabetização), estruturado para promover ações estratégicas com o objetivo de elevar os indicadores educacionais das redes públicas municipais e Estadual. Trata-se de uma proposta de contrapartida dos municípios que aderiram ao Pacto pelo Desenvolvimento Social da Paraíba. Esse programa envolve uma avaliação e são os funcionários do SOMA que aplicam essa prova, que acontece três vezes ao ano, com conteúdos de Português e Matemática. Assim, como a escola adota o SOMA a professora, seguindo as orientações do projeto, durante

as visitas da pesquisa presenciamos, realizou com a turma a avaliação, que para sua surpresa, os alunos foram muito bem nos resultados.

A professora destacou que uma forma de contribuir com a melhoria do ensino nas classes multisseriadas é com a presença de estudantes de Pedagogia em estágios na escola levando-os a conhecer, vivenciar a realidade das salas multisseriadas.

Uma preocupação relatada pela professora é que a escola pode ser fechada e que ainda não foi por causa dos alunos da EJA, como foi visto no começo deste trabalho a escola conta com o ensino da EJA, que são pais e mães de alunos da turma multisseriada. Como esses alunos tem uma boa frequência na escola, então se reuniram com a comunidade, em revolta contra esse fechamento da escola, foram até a secretaria de educação do município, já que a secretaria vê a escola como um investimento financeiro e não como um investimento social e como se trata de uma escola rural com poucos alunos matriculados, então corre o risco de que não vai haver aula no próximo ano na escola, desconsiderando o que se refere ao artigo 28 da Lei de Diretrizes e Bases do ano de 2014:

O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar.

Em relação a essa questão do fechamento da escola a professora relatou na entrevista:

A única escola que tem aqui no local, sabemos se as aulas forem encerradas então os alunos vão para outra escola na cidade, já que não tem escola por perto, a escola traz rendimento e influência para a comunidade tanto no estudo como na instrução do cidadão. Ai vai ter um baixo rendimento de aprendizagem já que as crianças não têm como se locomover até a escola na cidade, não tem transporte, e menos os responsáveis por essas crianças vão levar para outra escola, aí aonde vem à evasão escolar então ela é muito importante para nós aqui (Entrevista com a professora Maria José, realizada em 2018).

Essa Lei vem trazendo uma inovação com relação à situação das escolas do campo, pois a partir dela não se fecha mais escolas sem que haja um parecer dos órgãos normativos como o Conselho Municipal da educação e a comunidade escolar que igualmente deve ser ouvida. Como a Secretaria da Educação do Estado precisa explicar a necessidade de encerramento das atividades daquela escola.

As escolas rurais multisseriadas possuem um papel de pertencimento e existência da educação no local, haja vista que as crianças e adolescentes tem o direito de estudarem na escola que seja da e na sua comunidade (HAGE, 2007).

Sendo assim, como a escola é vista como um instrumento de promover a formação humana das pessoas e as relações sociais direcionando o ser humano para uma participação na transformação da sociedade. Conforme o Quadro 2 no que se refere à Educação do Campo no PNE (2014-2024. Brasil, 2014), nos mostra que uma das estratégias e metas a serem percorridas por uma escola rural vem ocasionando novas dimensões para educação do campo,

Fomentar o atendimento das populações do campo e das comunidades indígenas e quilombolas na educação infantil nas respectivas comunidades, por meio do redimensionamento da distribuição territorial da oferta, limitando a nucleação de escolas e o deslocamento de crianças, de forma a atender às especificidades dessas comunidades, garantido consulta prévia e informada.

O Decreto 7.352 de 4/11/2010, no Art. 1º define: “A política de educação do campo destina-se à ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do campo, e será desenvolvida pela União em regime de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, de acordo com as diretrizes e metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação e o disposto neste Decreto”. Ele também define neste mesmo artigo:

**II - escola do campo:** aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo.

§ 2º Serão consideradas do campo as turmas anexas vinculadas a escolas com sede em área urbana, que funcionem nas condições especificadas no inciso II do § 1º.

§ 3º As escolas do campo e as turmas anexas deverão elaborar seu projeto político pedagógico, na forma estabelecida pelo Conselho Nacional de Educação.

No que dizer respeito ao Plano Estadual de Educação (PEE 2015-2025) Lei de nº 10.488/2015, registra que o atendimento dos alunos da zona rural representa 16,39% em contraposição de 83,61% do atendimento na área urbana. Este cenário exige políticas “adequadas à educação do campo” que aprovelem o desenvolvimento e ideia de melhores oportunidades pessoais e sociais aos sujeitos que lá residem. De acordo com o PEE 2015/2025, tal política deve observar as demandas específicas do campo permitindo mudanças no que tange o acesso, permanência, organização e funcionamento das escolas, propostas pedagógicas modernas, transporte escolar eficiente e de qualidade.

Como ressaltado, entre o que se prevê a legislação e a realidade do dia a dia da escola em destaque há uma carência significativa de efetividade da política. Já que a escola é precisa

de mais espaço, não tem transporte para as idas e vindas da escola, tanto para os professores como para os alunos.

Quanto às atividades desenvolvidas pela professora observamos que a classe é organizada num círculo com todos juntos e desenvolvendo atividades ao mesmo tempo. A professora escreve no quadro de giz.

Foto 9- Trabalho do docente do ensino fundamental



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

A professora inicia sua aula de Português com uma conversa informal, em seguida faz a leitura e a interpretação do texto *O Leilão no Jardim*, de Cecília de Meireles. Após isso ela faz atividade no quadro e solicita uma produção textual, com atividade de ortografia e o exercício brincando com as sílabas (monossílaba, dissílaba, trissílaba e polissílaba). Os alunos participam ativamente da aula. Assim, verificamos que a professora desenvolve em sua prática pedagógica, várias estratégias desde utilização de textos fotocopiados para leitura, uso do livro, o quadro e materiais didáticos simples.

Foto- 10 Salas Multisseriadas do pré-escolar ao Ensino Fundamental



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

Outra forma que observamos da professora desenvolver suas atividades pedagógicas e amenizar as dificuldades encontradas, foi dividir a turma por grupos para alguma atividade e junta-las em um grupo só em outros momentos, como nas atividades mais lúdicas.

Em relação às dificuldades por ela enfrentadas a professora apontou a falta de apoio técnico, livro didático fora da realidade do campo e espaço inadequado.

Tomando como referência o autor Hage (2005, p. 56) as escolas multisseriadas apresentam um “currículo deslocado da cultura das populações do campo”. É o que verificamos na escola estudada. A concepção de educação que está sistematizada a partir das políticas educacionais brasileiras, se associam às concepções de mercado e tomam como referência o modo urbano de vida. Na contraposição a este modelo, o autor recomenda a “construção coletiva de um currículo que valorize as diferentes experiências, saberes, valores e especificidades culturais” (HAGE, 2005, p. 56).

Para encerrar nossas análises, perguntamos a professora como deveria ser a educação ideal para ela: “Seria uma educação voltada para a valorização da cultura local e preparação para enfrentamento da realidade profissional”. E ainda: “Que a universidade, deveria contribuir mais com a realidade das escolas do campo educação através de projetos, formação constante e apoio de estudo e recursos didáticos, trazendo também novas ideias”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a pesquisa realizada pela observação na Escola Fazenda Socorro, verificamos incoerências no que se refere às leis que abordam da educação do campo e a realidade observada na escola. A professora não tem uma formação específica nem é oferecida uma formação continuada que priorize e aborde das especificidades da educação do campo. Além disso, falta suporte técnico pedagógico específico que a leve a se apropriar da prática docente baseada na educação do campo.

No que foi observado quanto às estratégias pedagógicas da professora percebemos a tentativa de desenvolver uma prática pedagógica da melhor forma possível, dentro das condições que a escola apresenta. A organização do planejamento pedagógico da professora é sistematizada de forma diferente. A professora tenta trabalhar os diferentes saberes diferenciando os conteúdos e atividades. Para compreender as práticas pedagógicas que se desenvolvem na Escola do Campo questionamos qual o critério de organização e distribuição das atividades desenvolvidas pela, uma vez que a turma é bem diversificada? Quando elabora seu plano pensa em cada turma, ou no grupo como um todo? Na observação das aulas verificamos que a professora trabalha na classe multisseriada lidando com a turma diversificada com estágios de aprendizagem diferenciados.

O trabalho pedagógico em sala de aula multisseriada precisa ser planejado e desenvolvido em conjunto com as secretarias de educação, pois apresentam especificidades diferentes das escolas urbanas. No entanto, as escolas do campo são tratadas da mesma forma que as escolas urbanas no que se refere ao currículo desenvolvido. Ressaltamos a necessidade de formação específicas para as professoras que atuam nas escolas no campo. A professora não mora na comunidade, fator que pode influenciar nas suas percepções pedagógicas e no trato da criança do campo. O estudo nos possibilitou conhecer mais um pouco os desafios que se apresentam a educação do campo.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, S. C. M.; FERNANDES, B. S. Educação Infantil e Educação no Campo: um encontro necessário para concretizar a justiça social com as crianças pequenas residentes em área rurais. 2013. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 21, p. 299-315, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index> . Acesso em: 23 maio. 2019.
- BATISTA, M. S. X. Estado, luta de classes, movimentos sociais e as políticas de Educação do Campo. In: BATISTA, M. S. X. **Movimentos sociais, Estado e políticas públicas de Educação do Campo**: pesquisas e práticas educativas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.
- BATISTA, M. S. X. Educação do Campo: da luta dos movimentos às políticas. In: FIGUEIREDO, João B. A.; VERAS, C. I. M.; LINS, L. T. (Orgs). **Educação Popular e movimentos sociais: experiências e desafios**. Fortaleza: Impreco, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Panorama da Educação do Campo**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007. 44 p.
- BRASIL. **Decreto n. 7.352, de 4 de novembro de 2010**. Dispõe sobre política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA.
- BRASIL. **Resolução n. 2.28, de abril de 2008**. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo.
- CALAZANS, M. J. C. Para compreender a educação do estado no meio rural. Traços de uma trajetória. In: TERRIEN, J.; CALAZANS, M. J. C. **Educação e Escola no campo**. Campinas: Papirus, 1993.
- CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. **Currículo sem fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 60-81, 2003.
- CALDART, R. S. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.
- EDUCAÇÃO do campo, Programa Temas em Educação**, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, TV Ufes, 16 jul de 2018. Publicado pelo canal Laufes CE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kUiGs4xVpDY>. Acesso em. 08 maio. 2018.
- GANDIM, Danilo. **O planejamento como ferramenta de transformação da prática educativa**. Disponível em: [http://www.portal.cps.sp.gov.br/cetec/geped/planejamento/2018/ppg/planejamento\\_pratica\\_educativa.pdf](http://www.portal.cps.sp.gov.br/cetec/geped/planejamento/2018/ppg/planejamento_pratica_educativa.pdf). Acesso em: 10 mar. 2018.
- GONSALVES, E. P. **Conversas dobre Iniciação à Pesquisa Científica**. 4. ed. São Paulo: Alínea, 2007.
- GRITTI, S. **Educação rural e capitalismo**. Passo Fundo: UPF, 2003.



HAGE, S. M. Classes Multisseriadas: desafios da educação rural no Estado do Pará/Região Amazônica. In: HAGE, F. R. (org.). **Educação do Campo na Amazônia: Retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica e Editora Gutenberg, 2005.

HAGE, S. M. Planejamento e organização do trabalho pedagógico das escolas multisseriadas: relatos e experiências de educadores do campo. In: **XVIII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste**. [S. l.], 2007. Disponível em: <http://educampo.miriti.com.br/arquivos/Biblioteca/0008.pdf>. Acesso em: 05 maio. 2019.

MOLINA, M. C.; SÁ, M. L.; Escola do Campo(org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2010. 326-328 p.

PEREIRA, A. C. S. Lições da educação do campo: Um enfoque nas classes multisseriadas. In HAGE, S. M (org.). **Educação do Campo na Amazônia: retratos da realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica e Editora Gutenberg Ltda, 2005. 90-98 p.

RIBEIRO, M. Uma Escola Básica do Campo como condição estratégica para o desenvolvimento sustentável. **Caderno Temático Por Uma Educação Básica do Campo**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 50-58, 2002.

RIBEIRO, M. Educação Rural. In: CALDART, R. S. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. p. 293-299.

ROCHA, X. H. S. **CONSTRUÇÃO DA AÇÃO DOCENTE**: aprendizagens de professores leigos em classes multisseriadas na escola do campo. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos São Carlos, São Carlos, 2007.

PETTY, M.; TOMBIM, A.; VERA, R. Uma alternativa de educação rural. In: WERTHEIN, J.; BORDENAVE, J. D. (org.). **Educação rural no Terceiro Mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 65-102.

XIMENES, R.; Helena, S.; COLARES, M. L. I. S. A organização do espaço e do tempo escolar em classes multisseriadas: na contramão da legislação. **Revista HISTEDBR OnLine**, São Paulo, v. 13, n. 50, p. 90-98, 2013.

## APÊNDICE

### Questionário

1. Nome do professor (a)
2. Quais escola(s) que você trabalha nas turmas de Fundamental?
3. Sexo:  
( ) Masculino ( ) Feminino
4. Idade: \_\_\_\_\_
5. Estado civil: \_\_\_\_\_
6. Tempo de atuação no magistério: \_\_\_\_\_
7. Qual a sua formação profissional?  
( ) Antigo magistério  
( ) Licenciatura em pedagogia  
( ) Outro: \_\_\_\_\_
8. Por que você escolheu ser professor? Justifique:
9. Como está a organização de sua sala multisseriada? quantos compõem suas classes mutisseriadas? Quantos alunos em cada série multisseriadas?
10. Na sua formação você foi preparado para trabalhar com as classes multisseriadas? ( )  
Sim ( ) Não Justifique:
11. Em que aspecto a sua formação falhou em relação a classes multisseriadas?  
( ) ao conteúdo específico  
( ) ao conteúdo pedagógico  
( ) falta de alternativas metodológicas  
( ) não realizar estágio em salas multisseriadas  
( ) Outro: Justifique:
12. Qual seu tempo de atuação em classes multisseriadas?  
( ) Entre 1 a 2 anos

☐ Entre 2 a 5 anos

☐ mais de 10 anos

13. Como organiza sua sala? Por série? Trabalho em grupo?

14. Quais as dificuldades encontradas na sua prática profissional nas classes multisseriadas?

15. Quais os materiais didáticos disponíveis na escola?

16. Trabalha algum tema/ questão/ problemática dentro da realidade dos estudantes?

☐ Sim

☐ Não

Se sim exemplifique como foi?

17. De que forma você acha que a formação inicial pode contribuir para melhorar o ensino nas classes multisseriadas?

18. De que forma você pode contribuir para melhorar o ensino nas classes multisseriadas?

19. Quais as principais dificuldades do professor para trabalhar nas classes multisseriadas?

20. Quais as características mais marcantes do trabalho com as classes multisseriadas?

21. Quais as principais dificuldades dos alunos em relação ao conteúdo?

22. Você costuma utilizar outros materiais didáticos além do livro nas classes multisseriadas? Justifique sua resposta.

☐ Sim ☐ Não

23. O que você diria para os futuros professores que irão trabalhar numa classe multisseriada